

António Costa Canas

REAL FÁBRICA DA CORDOARIA



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

REAL FÁBRICA DA CORDOARIA

AUTOR

ANTÓNIO COSTA CANAS

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

ANTÓNIO SANTOS TEIXEIRA
SUSANA PATRÍCIO MARQUES

ISBN

978-972-623-290-2

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa

R. Academia das Ciências, 19

1249-122 LISBOA

Telefone: 213219730

Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt

Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2015

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

REAL FÁBRICA DA CORDOARIA

António Costa Canas¹

Resumo

O terramoto de 1755 alterou bastante a cidade de Lisboa. A reconstrução da cidade trouxe novas estruturas, substituindo as antigas que foram completamente destruídas. No lugar da antiga Ribeira das Naus surgiu o novo Arsenal de Marinha, com uma atividade de construção bastante intensa. Tornou-se necessário construir uma cordoaria para produção dos cabos necessários para aparelhar os navios. Para tal, foi escolhida a Praia da Junqueira, na parte ocidental de Lisboa.

A instabilidade política e social do início do século XIX afetou a atividade da Real Fábrica da Cordoaria. A sua sobrevivência deve muito à ação de Marino Miguel Franzini, que ao longo de mais de trinta anos tomou diversas medidas para manter a produção e modernizar a fábrica.

Abstract

Lisbon changed dramatically, in consequence of 1755 earthquake. New structures appeared, replacing those that were destroyed. The new Navy Shipyard appeared in the place of the ancient “Ribeira das Naus” and the shipbuilding activity grew up. The amount of cordage needed to new ships showed the need of a rope factory. The place chosen to it was “Praia da Junqueira” in the West side of Lisbon.

The social and political instability affected the activity of the “Real Fábrica da Cordoaria”. Marino Miguel Franzini, director of the factory for more than thirty years, implemented several measures to assure the activity and modernize it.

¹ Museu de Marinha/Centro de Investigação Naval & Centro Interuniversitário de História da Ciência e da Tecnologia.

Introdução

No âmbito do ciclo de palestras dedicadas às Reais Fábricas em Portugal, foi-nos solicitada uma apresentação sobre a Real Fábrica da Cordoaria. Não sendo razoável estar a apresentar o longo historial deste estabelecimento fabril, optou-se analisar apenas dois pontos da sua história: a génese da Cordoaria e o período em que a mesma foi dirigida por Marino Miguel Franzini. No final do texto será apresentado um breve resumo da história da Cordoaria até à sua extinção na década de 1990.



Ilustração 1 - Vista panorâmica do edifício da Real Fábrica da Cordoaria

O primeiro assunto a investigar será a génese da Cordoaria. Após o terramoto de 1755 foi construído o moderno Arsenal da Marinha, mais ou menos no mesmo espaço onde antes funcionava o estaleiro da Ribeira das Naus. Nos anos finais do século XVIII o Arsenal teve uma atividade bastante intensa. Para apetrechar os navios era necessário um fornecimento significativo de cabos de diferentes dimensões. O Arsenal possuía uma cordoaria própria, mas que era insuficiente para as suas necessidades. Decidiu-se então criar uma cordoaria de dimensões adequadas às necessidades do Arsenal. Esta começou por funcionar a céu aberto, na praia da Junqueira. Uma vez que esta solução era precária, construiu-se o edifício da Real Fábrica da Cordoaria, na mesma zona da Junqueira. Uma personagem que desempenhou um papel fundamental em todo este processo foi António Baptista de Sá, primeiro mestre cordoeiro do novo estabelecimento, que aprendera em Inglaterra as mais modernas técnicas desta arte.

No início do século XIX a situação política e social do país agravou-se, mantendo-se a instabilidade durante praticamente toda a primeira metade dessa centúria. A Cordoaria foi afetada por esta situação, com reflexos no seu funcionamento. Este estado de coisas inverte-se graças a Marino Miguel Franzini, que dirigiu a fábrica durante mais de trinta anos. Tomou diversas medidas com o objetivo de rentabilizar e modernizar a produção.

A bibliografia usada no presente texto resume-se a um conjunto de textos publicados, no início da década de setenta do século XX, por Manuel Jacinto Pereira, então diretor da Fábrica Nacional de Cordoaria. Os referidos textos contêm inúmeras transcrições de documentação, recolhida em diversos arquivos, relacionada com a Real Fábrica da Cordoaria. Atualizou-se a ortografia nos textos que transcritos no presente

estudo. Não são indicadas páginas nas respetivas referências, em virtude de os mesmos não serem paginados.

Antecedentes

No dia 1 de novembro de 1755 ocorreu um violento terramoto com epicentro a sudoeste do território português. As consequências do mesmo foram significativas, com elevados níveis de destruição, especialmente nalgumas regiões do litoral, atingidas pelo maremoto que se seguiu. A Baixa da cidade de Lisboa praticamente desapareceu. Era aqui que se situava o Paço Real e nas proximidades deste funcionava o principal espaço dedicado à construção naval, o estaleiro da Ribeira das Naus.

A reconstrução do país foi uma tarefa gigantesca. À frente da mesma encontrava-se o Marquês de Pombal, principal ministro de D. José. Além do cuidado posto na reconstrução de tudo aquilo que tinha sido destruído, preocupou-se igualmente com o desenvolvimento económico do reino, incentivando processos de industrialização de diversas atividades.

Em termos de Marinha um outro nome deve ser destacado: Martinho de Melo e Castro. Desempenhou as funções de Secretário de Estado da Marinha e Ultramar durante um longo período de vinte e cinco anos, entre 1770 e 1795. O seu ministério prolongou-se por dois reinados, o de D. José I e o de D. Maria I, sendo um caso raro de um ministro que serviu com o Marquês de Pombal e que continuou em funções após a ascensão ao trono de D. Maria. Enquanto Secretário de Estado da Marinha e Ultramar levou a cabo diversas medidas de renovação da Marinha, nomeadamente a construção de um novo Arsenal de Marinha e da Real Fábrica da Cordoaria. A esquadra portuguesa cresceu significativamente, de tal forma que no final do século XVIII navios portugueses, comandados pelo Almirante Marquês de Nisa, combatiam no Mediterrâneo ao lado dos navios do famoso Lord Nelson.

Para a modernização que a Marinha conheceu, nos anos finais da centúria de Setecentos, muito contribuiu o novo Arsenal de Marinha, cuja construção se iniciou ainda durante o reinado de D. José I. O novo estaleiro foi construído praticamente no mesmo local onde antes funcionava a antiga Ribeira das Naus. Tratava-se de uma infraestrutura moderna para a sua época, vocacionada para a construção e reparação de navios de madeira e com propulsão à vela. O próprio estaleiro possuía uma cordoaria, de pequenas dimensões.

A Real Fábrica da Cordoaria

O incremento da construção naval teve como consequência uma necessidade acrescida de cordame para os novos navios. A capacidade nacional de produção deste género de artefactos era bastante limitada, sendo necessário recorrer à importação. Por outro lado, notava-se que o cordame oriundo do estrangeiro era geralmente de qualidade

reduzida, deteriorando-se passado pouco tempo. Neste contexto, um cordoeiro oriundo do Porto, António Baptista de Sá, apresentou uma proposta para abrir uma cordoaria nova na sua cidade natal.

Nascido no seio de uma família com tradições na arte da cordoaria, António de Sá foi enviado por seu pai a Inglaterra, onde aprendeu as mais recentes técnicas desta arte. Foi com estas “credenciais” que propôs ao Marquês de Pombal a abertura, no Porto, de um estabelecimento dedicado à produção de cordame. A sua sugestão foi recusada, mas acabou por ser convidado para ocupar o lugar de mestre cordoeiro do Arsenal de Marinha. O próprio Marquês de Pombal registou por escrito a audiência concedida a António Baptista de Sá:

Apareceu na Minha Presença inesperadamente o Mestre Cordoeiro António Baptista que, tendo-se feito muito hábil na Cidade do Porto Sua Pátria; passou a Inglaterra com o dissimulado fim de aprender o modo com que naquele País se davam os banhos às Amarras e Cabos, de sorte que neles se ficasse vendo o fio de que eram torcidas; sem que os Corpos das mesmas Amarras e Cabos fossem todos cobertos de alcatrão que neles escondia as estopas e falsificações com que se fabricavam para se mandarem vender a este Reino como se fossem fabricados da febra do Linho com a consistência e força, competentes às suas respectivas grossuras.

Propôs-me o dito Mestre: Que o zelo da Pátria o obrigara a sair fora dela à referida nação: Que se achava completo na Arte de fabricar as Cordagens de todas as espécies: E que desejava ser ajudado para estabelecer uma Cordoaria, que fizesse o Arsenal de Sua Majestade independente de Amarras e Cabos de fábrica Estrangeira. Fez as suas provas, com a costumada oposição dos Cordoeiros da Ribeira das Naus, que pretenderam saber no seu ofício tudo o que ignoravam.²

Também António Baptista de Sá apresentou a sua versão daquilo que se teria passado entre si e o Marquês. Fê-lo num requerimento que dirigiu a D. Maria I, vinte e seis anos depois:

Vindo a esta Cidade em o ano de 1770, requerer ao Augusto Pai de Vossa Majestade o privilégio exclusivo para poder estabelecer na Cidade do Porto, Pátria do Suplicante, uma Fábrica de Enxárcia ao estilo de Inglaterra, aonde foi mandado por seu Pai examinar com atenção as Fábricas de Cordage, e aprender o que se ignorava neste Reino, e sabendo porém os Ministros de Estado o que continha o Requerimento do Suplicante lhe mandaram fazer experiências de

² Manuel Jacinto Pereira, *Subsídios para a História da FNC— Os antecedentes da Real Cordoaria da Junqueira*, nº 21, setembro de 1972.

Enxárcia a uso de Inglaterra, e fazendo-as patente a todos no Arsenal Real da Marinha com a perfeição, que tinha prometido, lhe disseram os Ministros de Estado Marquês de Pombal e Martinho de Melo e Castro se havia de empregar no Real Serviço, pois que não havia quem soubesse fabricar semelhantes obras, para o que se lhe havia de estabelecer Fábrica da Cordages para a Marinha de Vossa Majestade, e que fizesse ciente a seu Pai de que ficava empregado no Real Serviço.³

Temos ainda um outro testemunho sobre estas experiências que António Baptista de Sá realizou, tendo delas resultado a sua nomeação para Mestre da Cordoaria do Real Arsenal da Marinha. As palavras que se seguem são do Capitão-tenente João dos Santos, Patrão-mor do dito Arsenal:

Atesto que António Baptista de Sá, em o ano de 1770, principiou a fazer experiências de cabos, à maneira inglesa do Arsenal Real da Marinha por ordem do Exmo. Sr. Marquês de Pombal, e assistência do Exmo. Sr. Martinho de Melo e Castro, os quais assistiram a ver coxar cabresteiras de maior grossura de maior grossura, e com preferência às que vinham de fora do Reino, e logo foi nomeado para Mestre da Cordoaria do Real Arsenal da Marinha onde tem continuado no dito exercício, e até este tempo não havia quem praticasse esta Arte, e as Fragatas, e as Naus de Sua Majestade se preparavam com cabos vindo de fora do Reino.⁴

O diploma de nomeação de António Baptista foi assinado por José Joaquim de Larre, Provedor dos Armazéns de Guiné, Índia e Armadas e tem a data de 6 de junho de 1771:

Porquanto é falecido Manuel Pereira Soares, Mestre Cordoeiro do Arsenal da Ribeira das Naus, e ser preciso pessoa, que exercite a dita ocupação, e sendo informado da sua ciência, préstimo e verdade de António Baptista de Sá: Hei por Serviço de Sua Majestade de o prover na referida ocupação de Mestre Cordoeiro do Arsenal da Ribeira das Naus por tempo vitalício, se tanto o houver por bem, e não mandar o contrário,

[...]

Manuel João Mackena que serve de Escrivão da Provedoria o fez em Lisboa a seis de junho de mil setecentos e setenta e um.⁵

Cedo se constatou que o espaço destinado à Cordoaria, no Arsenal de Marinha, era exíguo. Em 1775 a Cordoaria passou a funcionar na praia da Junqueira. Continuou,

³ *Ibidem.*

⁴ *Ibidem.*

⁵ *Ibidem.*

porém, na dependência do Arsenal de Marinha. A direção fabril dos trabalhos foi atribuída a António Baptista de Sá, que para tal foi nomeado mestre cordoeiro da nova Cordoaria:

Porquanto havendo mandado estabelecer no sítio da Praia da Junqueira uma nova Cordoaria de Enxárcia Branca, e alcatroada para o uso do meu Arsenal Real da Marinha anexa ao mesmo Arsenal para o seu governo, despesas, e expediente: E havendo nomeado por Decreto da data deste a António Baptista Mestre de ambas as Cordoarias do referido Arsenal, e do estabelecimento, e administração da referida nova Fábrica:⁶

Para diretor da nova fábrica foi nomeado o Escrivão Luís António de Leiro:

Hei por bem nomear a Luís António de Leiros, Escrivão da Mesa grande do dito Arsenal, Fiscal da mesma nova Fábrica, para com o seu zelo, e assistência promover tudo o que fizer a bem do mesmo estabelecimento, requerendo-o assi, quando for necessário, ao Provedor dos mesmos Armazéns de Guiné e Índia.

[...]

Oeiras em 29 de julho de 1775⁷

Luís António de Leiro e Seixas Souto-Mayor teve uma brilhante carreira na administração do reino, com destaque para a área da justiça. D. João V nomeou-o Escrivão da Correção do Crime em 1749. Teve uma intervenção direta no processo dos Távoras, sendo ele o responsável pela prisão do Duque de Aveiro em 1758. Em 1766 passou a exercer o cargo de Escrivão da Mesa Grande dos Armazéns de Guiné e Índia. Em 1769 teve papel ativo na evacuação da Praça de Mazagão, em Marrocos. Com a saída de Mazagão, os Portugueses terminaram a sua presença naquele território do norte de África, iniciada em 1415, com a tomada de Ceuta. Luís António de Leiro participou nesta operação, que consistiu no transporte de todos os habitantes portugueses para uma vila construída no Brasil, Nova Mazagão, na região da Amazónia. A 29 de julho de 1775 foi nomeado Fiscal⁸ da Fábrica de Cordoaria de Enxárcia Branca e Alcatroada. No desempenho do seu cargo preocupou-se, entre outras coisas, com a melhoria dos processos de produção de cordame. Em 17 janeiro 1790 foi-lhe atribuído um prémio da Academia das Ciências, pela invenção de um método de preparar linho-cânhamo. Foi nesta fábrica que terminou a sua carreira ativa, sendo reformado do cargo de diretor da Cordoaria em 3 de junho de 1793.

⁶ Manuel Jacinto Pereira, *Subsídios para a História da FNC— A Fundação da Cordoaria Nacional*, nº 22, outubro de 1972.

⁷ *Ibidem*.

⁸ Designação da época para o atual cargo de Diretor.

El-rei Meu Senhor é servido mandar remeter a Vossa Mercê a cópia junta assinada pelo Contador Geral Manuel Pereira de Faria, do Real Decreto de vinte e nove do mês de julho próximo passado, pelo qual o mesmo Senhor houve por bem nomear ao escrivão da Mesa Grande desse Arsenal da Marinha Luís António de Leiros, Fiscal da nova Fábrica de Cordoaria, de que é Mestre António Baptista, para promover tudo o que for a bem do dito estabelecimento, como no mesmo Decreto se declara:

Para que Vossa Mercê o cumpra pela parte que lhe toca, e o faça registar no Registo do mesmo Arsenal, dando-me parte de assim se haver feito.

*Deus Guarde a Vossa Mercê
Oeiras em 5 de agosto de 1775⁹*

O funcionamento da cordoaria a céu aberto, na praia da Junqueira, tinha diversos inconvenientes. Por esse motivo, no reinado de D. Maria I decidiu-se construir um edifício que albergasse a mesma. A proposta para a construção partiu de Martinho de Melo e Castro, Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e do Ultramar. O edifício ficaria localizado na Junqueira, próximo da praia onde antes funcionava, e deveria ser pago com rendimentos da Fábrica da Pólvora, que na época tinha lucros elevados. O prédio possuía um cais, que permitia o transporte do cordame para os navios fundeados frente à Junqueira. A construção da fábrica levou a uma remodelação dos espaços envolventes:

Representou o sobredito Ministro a Sua Majestade que seria muito útil ao Estado e decoroso à Mesma Senhora estabelecer no Reino uma Fábrica de Cordoaria Real, na qual se fizesse, e manobrasse toda a sorte de cordas, incluídas até as amarras das naus grandes para o serviço das Armadas Reais, e da Ribeira das Naus; evitando-se deste modo a horrorosa despesa, que se faz neste artigo comprando-as aos estrangeiros: acrescentando mais um ramo de indústria para desterra a ociosidade, resultando daqui um aumento grande de economia a favor da Real Fazenda.

[...]

Anuiu Sua Majestade à proposta: Determinando que o mesmo Ministro fosse o Inspetor da Obra: que os rendimentos da Pólvora se aplicassem para aquele Estabelecimento; e ultimamente designou para o edifício o terreno que discorre do Forte da Junqueira até ao outro Forte do Marquês de Angeja de Nascente a Poente; e de Norte a Sul desde a Ponte antiga da Junqueira até ao mar, ficando toda esta quadratura incluída no mesmo edifício.

⁹ Manuel Jacinto Pereira, *Subsídios para a História da FNC— A Fundação da Cordoaria Nacional*, nº 22, outubro de 1972.

[...]

O risco dele é de Arquitetura: A frente do Norte, que é de um só pavimento com janelas grandes, munidas com grades de ferro, tem três torreões magníficos, um em cada ângulo, e no meio outro: em todos eles se levanta ao pavimento um andar, cujas salas servem para as sessões da Administração, para habitação de algumas pessoas ali empregadas e para guarda do que mais for preciso. Para a banda do Sul tem igual frente, e guarnecida com um excelente cais, que facilita o embarque, e desembarque.

[...]

Para maior nobreza do edifício converteu-se em rua calçada todo o espaço de terreno, que lhe fica fronteiro ao Norte até às frentes das casas, que estão daquela banda; formaram-se várias pontes, que dão expedição às águas, que vêm do Rio Seco, as quais de inverno, antes desta obra, se estagnavam naquele sítio, que o faziam invadiável, o que não sucede agora; e para maior comodidade daquele belo passeio se formou um lagedo desde o princípio da calçada até ao fim do aposento; justamente no sítio, em que antigamente era a Ponte da Junqueira.¹⁰

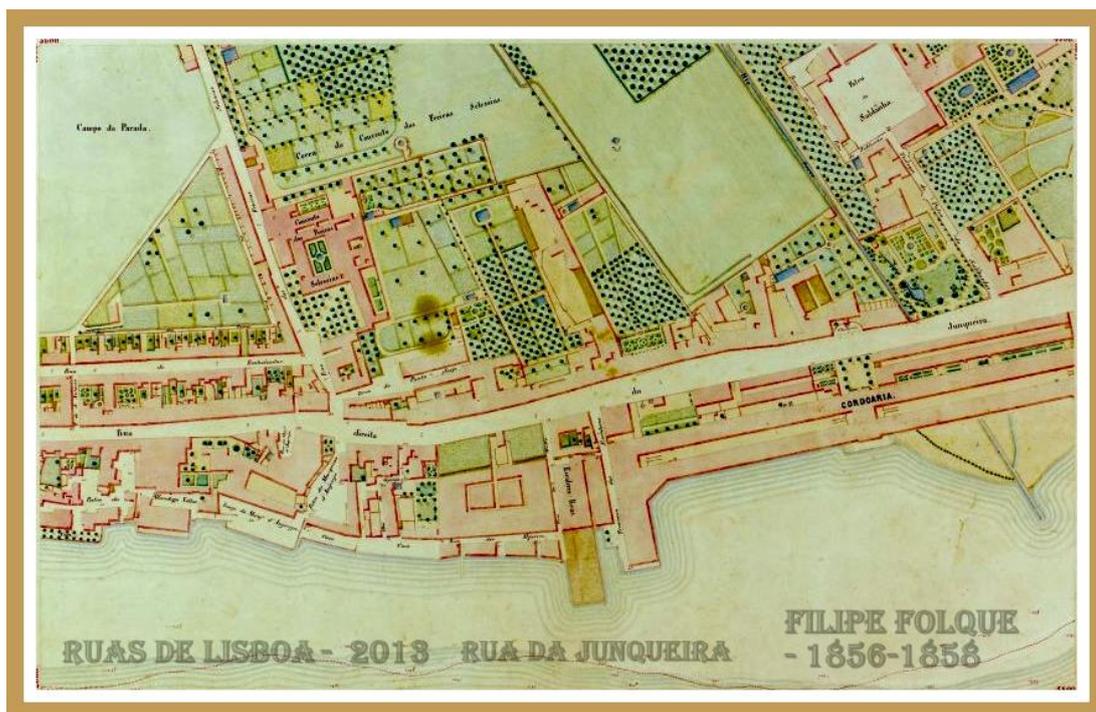


Ilustração 2 - Planta da Junqueira com Cordoaria

¹⁰ José Pedro Ferraz Gramoza, *Sucessos de Portugal— Memórias históricas, políticas e civis*, apud Manuel Jacinto Pereira, *Subsídios para a História da FNC— Proposta para a construção da Fábrica Nacional de Cordoaria*, nº 13, janeiro de 1972.

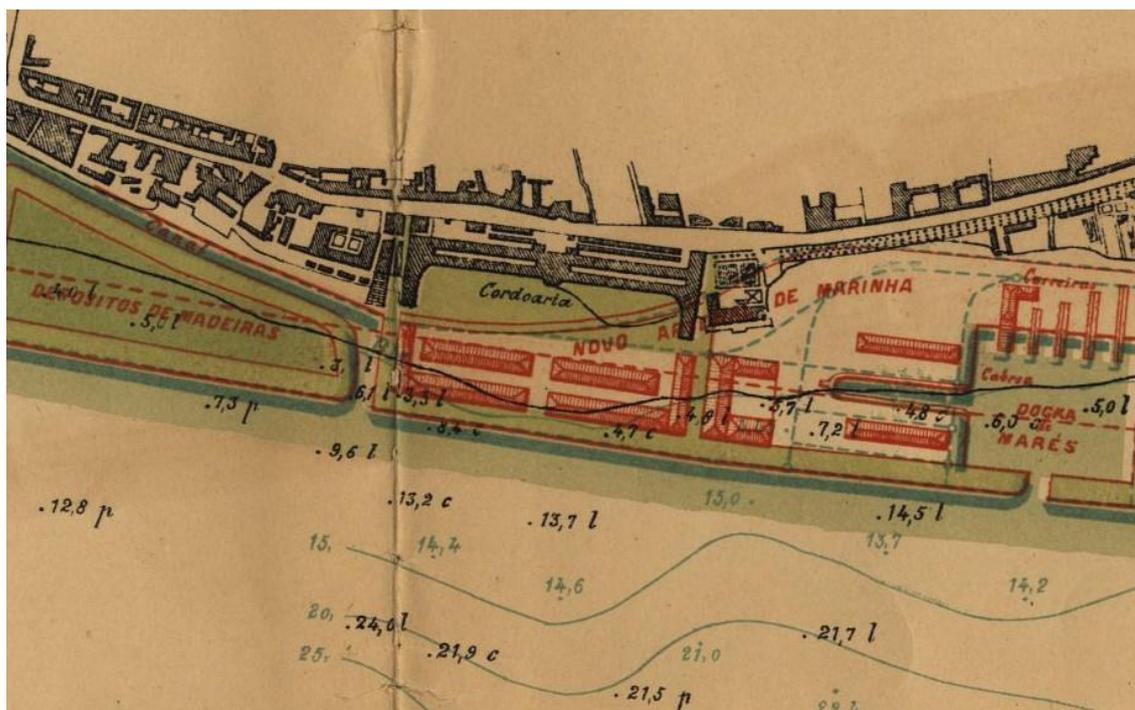


Ilustração 4 - Projeto de obras para a Junqueira

Marino Miguel Franzini

A Real Fábrica da Cordoaria foi construída numa época em que o país conheceu algum desenvolvimento industrial. Esse desenvolvimento refletiu-se na Marinha que conheceu um crescimento significativo, a vários níveis. Contudo, na transição para o século XIX a situação alterou-se significativamente. As Invasões Francesas, a ida da Família Real para o Brasil, a Revolução Liberal e a Guerra Civil que se seguiu, tiveram graves consequências em termos económicos e sociais no país. A Cordoaria foi afetada por este estado de coisas. No entanto, a situação não foi tão catastrófica como poderia ter sido, pois a liderança da fábrica foi assegurada por uma figura que se preocupou bastante com o funcionamento da mesma, Marino Miguel Franzini.

Marino Miguel Franzini era filho do matemático veneziano Miguel Franzini, que veio para Portugal a convite do Marquês de Pombal, quando este reformou a Universidade de Coimbra. Marino teve formação de oficial de Marinha, tendo desempenhado funções na Marinha assim como engenheiro do Exército. Além destas funções foram-lhe atribuídos diversos cargos, como Diretor do Arquivo Militar e Presidente da Comissão da Estatística e Cadastro do Reino. Foi pioneiro da meteorologia e da estatística em Portugal. Exerceu ainda funções políticas, nomeadamente como Deputado às Cortes e Par do Reino, assim como Ministro de Estado e vogal do Supremo Conselho de Justiça Militar. O seu mérito intelectual foi reconhecido ao ser admitido como sócio da Academia Real das Ciências de Lisboa.

Para este texto interessa particularmente o cargo de Inspetor¹² da Cordoaria Nacional, que desempenhou de 26 de maio 1818 a 26 de agosto 1831 e de 16 de agosto 1833 a 25 de abril 1855. No interregno de cerca de dois anos, o cargo foi ocupado por dois diretores diferentes.

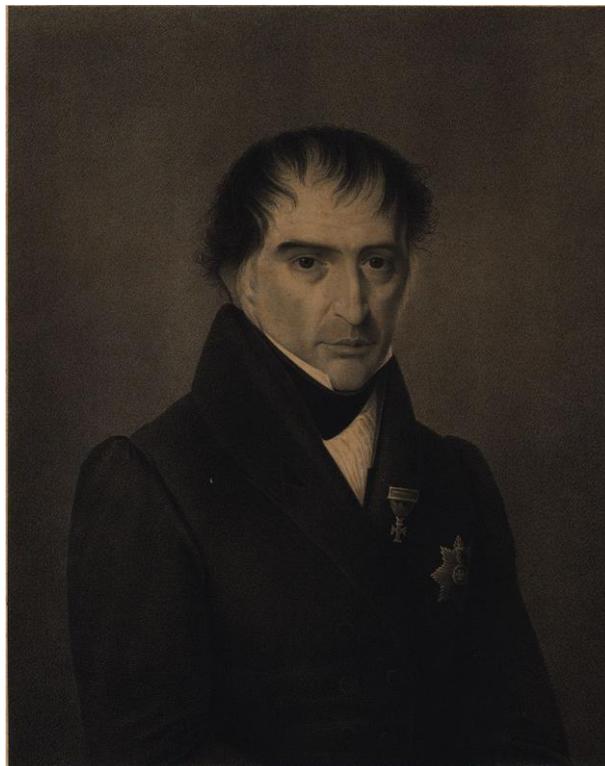


Ilustração 5 - Marino Miguel Franzini

Durante os cerca de trinta e cinco anos em que foi diretor tomou diversas medidas no sentido de recuperar a fábrica e assegurar a sua rentabilidade. Logo em 1818, ano em que assumiu funções, procurou investimento privado para compra de linho, de modo a garantir a produção de cordame. O país vivia uma situação de crise acentuada, com a ausência da Família Real no Brasil, pelo que o investimento público era reduzido. Franzini viu no investimento privado a solução para a aquisição de matérias-primas necessárias à laboração da fábrica. Também nesse mesmo ano de 1818, Franzini preocupou-se com a melhoria das condições de trabalho dos presos que trabalhavam na fábrica. Desde finais do século XVIII, na época em que o cargo de Secretário de Estado da Marinha era ocupado por D. Rodrigo de Sousa Coutinho, que muitos dos empregados da cordoaria eram indivíduos que estavam a cumprir penas, assumindo a fábrica o papel de prisão:

Para D. José Joaquim da Silveira Sua Majestade é servida, que Vossa Senhoria ordene que dos presos, que se acham na Trafaria se remetam para a Cordoaria da Junqueira vinte homens capazes de se empregarem nos trabalhos daquela fábrica, os quais devem ser

¹² Outra designação da época para o cargo de Diretor.

entregues ao Inspetor dela o Chefe de Divisão Pedro Mariz de Sousa Sarmento para ali se conservarem debaixo da mesma prisão em que se acham.

Deus Guarde a Vossa Senhoria

Palácio de Queluz em 25 de abril de 1797¹³

Franzini tomou medidas no sentido de melhorar as condições de habitabilidade dos presos, propondo inclusivamente o pagamento de um determinado montante por cada um deles, para assegurar o seu sustento e vestuário:

Sendo mais vantajoso à Real Fazenda estabelecer a quantia de duzentos réis diários para cada um dos presos, e rapazes que se acham, em Correção na Real Fábrica da Cordoaria da Junqueira, em lugar da ração que atualmente ali se recebe em espécie para sustento dos mesmos, pois que aquela soma também serve para o seu vestuário.

[...]

Palácio do Governo em 11 de junho de 1818¹⁴

Em 1824, Franzini procedeu ao encerramento do Recolhimento de Santa Margarida de Cortona, que funcionava também na Cordoaria. Foi estabelecimento fundado pelo Intendente Pina Manique e era destinado a reclusão de prostitutas. A instalação desta entidade na fábrica ocorreu em consequência da diminuição da atividade fabril, ocorrida após a retirada da Família Real para o Brasil, levando consigo praticamente todos os navios da Marinha.

Em ofício de 14 do corrente mês de abril determina V. Exa. que informe sobre o incluso requerimento de António Joaquim dos Santos, que foi Administrador do extinto Recolhimento de Santa Margarida de Cortona, estabelecido temporariamente numa das salas da Real Cordoaria, o qual contém as mais infundadas e injustas queixas contra algumas providências que dei a fim de tirar o maior proveito desta Real Cordoaria a benefício do Arsenal Real da Marinha, para o qual foi exclusivamente criada.

Tendo-se dado no ano de 1800 e 1801 a devida aplicação a estas salas, chegou esta Real Fábrica a ter em atividade mais de 50 teares de lonas, os quais produziram mensalmente acima de 200 peças deste tecido, cujo valor subia anualmente à quantia de 38 contos de réis, e como metade deste valor pertence à mão de obra, segue-se que 19 contos de réis se espalhavam pelos nossos artistas, e não se encaminhavam a alimentar a indústria estrangeira.

¹³ Manuel Jacinto Pereira, *Subsídios para a História da FNC—Os trabalhos dos presos da Trafaria na Real Fábrica da Cordoaria*, nº 4, outubro de 1970.

¹⁴ *Ibidem*.

Tendo a injusta agressão da França feito retirar para o Brasil a nossa Marinha Real, motivando a gloriosa guerra de Restauração, necessariamente foi forçoso abandonar os trabalhos desta Real Cordoaria, pois que os meios pecuniários se dirigiam todos a manter o exército e a satisfazer as enormes despesas da guerra terrestre.

Cessando quase todos os trabalhos da Real Cordoaria, e achando-se sem uso uma das sobreditas salas de fiação, julgou a Regência do Reino que poderia ali colocar um Recolhimento destinado a conter mulheres de mau procedimento, as quais se empregariam em exercícios de piedade; e para este fim destinou uma prestação anual de quatro contos de réis, pagos pelo Real Erário e destinados à manutenção de 60 mulheres, cuja quantia se achou insuficiente, pelo que o seu número médio raras vezes excedeu a 40.

Tendo cessado em 1821 a prestação dos 4 contos de réis, terminou por si mesmo este inútil estabelecimento de que nenhum proveito poderia resultar à Real Cordoaria, e só prejuízos gravíssimos, como passarei a demonstrar.

[...]

MARINO MIGUEL FRANZINI

*Real Cordoaria em 27 de abril de 1824*¹⁵

Em 1826 ocorreu um violento incêndio. Nesse mesmo ano, Franzini procedeu ao encerramento dos Colégios de Santo António e de São Pedro, que também funcionavam na Cordoaria. Os alunos de ambos os colégios eram aprendizes de cordoaria. O Colégio de Santo António fora criado em finais século XVIII e era destinado a órfãos e expostos. Quanto ao Colégio de São Pedro foi criado em 1816 e acolhia jovens vadios e presos. A primeira medida que Franzini tomou foi proceder à fusão dos dois colégios em 1821. Entretanto, em 1825 sugeriu extinção do colégio, devendo os eventuais candidatos à frequência do mesmo ser recolhidos na Casa Pia, pois a função desta e do colégio confundiam-se. A extinção do colégio acabou por ocorrer após o incêndio de 1826.

*Sendo credora da mais respeitosa gratidão a incomparável beneficência com que o paternal governo de Sua Majestade El-rei Nosso Senhor acode ao alívio de seus vassallos indigentes, contudo existindo o Grande Estabelecimento da Real Casa Pia, destinado expressamente para o piedoso fim de educar e manter os menores abandonados; parece-me que seria muito mais económico para a Real Fazenda enviar para aquela casa aos suplicantes que pedem admissão na Real Cordoaria [...]*¹⁶

¹⁵ Idem, *Subsídios para a História da FNC— Estabelecimento do Recolhimento de Santa Margarida de Cortona*, nº 1, julho de 1970.

¹⁶ Idem, *Subsídios para a História da FNC— Os colégios de Santo António e São Pedro que funcionaram na Real Fábrica da Cordoaria*, nº 24, dezembro de 1972.

Franzini demonstrou sempre uma dedicação total à Cordoaria, defendendo os interesses da mesma. Já atrás se referiu que a sua função de dirigente do estabelecimento fabril sofreu uma interrupção de cerca de dois anos, na época da Guerra Civil. Durante o mesmo período da Guerra ocorreu uma ocupação do edifício que implicou a paragem da laboração da fábrica. Tal aconteceu no ano de 1833, ou seja, terá ocorrido quando Franzini retomou a direção da Cordoaria. Mesmo com a fábrica ocupada, ele manteve a produção, sendo os trabalhos realizados no passeio público, no exterior. Também em 1845 Franzini lutou pela manutenção de algo que considerava como um direito do estabelecimento, que era a propriedade da pedreira do Rio Seco. Esta pedreira situada na colina sobranceira à zona onde se construiu a Real Fábrica da Cordoaria, fora utilizada para fornecimento da pedra para a construção. Ao terminar essa construção, a fábrica manteve a propriedade da mesma, obtendo rendimentos da venda da pedra que de lá era extraída. Na década de Quarenta foi questionada esta propriedade, tendo Franzini conseguido que a mesma permanecesse na posse da Cordoaria.

A última medida que aqui será apresentada, tomou-a Franzini já no final da sua presença na Cordoaria, mas constituiu um passo importante para a modernização da produção fabril. Estamos a referir-nos à mecanização da fábrica, levada a cabo em 1853. Durante a primeira metade do século XIX ocorreu uma alteração significativa na construção naval, com a introdução do vapor e da construção de navios com estruturas metálicas, resultado da Primeira Revolução Industrial. Embora com algum atraso em relação aos restantes países europeus, essa revolução também chegou a Portugal. Franzini percebeu que se mecanizasse a produção da Real Fábrica da Cordoaria as despesas de funcionamento seriam significativamente reduzidas:

Segue-se portanto que empregando seis contos de reis em cada um dos dois futuros anos, poderemos transformar a quase totalidade dos trabalhos braçais, em trabalhos de máquinas, sem que seja necessário o auxílio de engenheiro estrangeiro, que exigiria grandes ordenados, pois que felizmente existe um inteligente artista nacional, que se encarregará de estabelecer na Cordoaria Nacional o novo sistema, talvez por metade do que seria exigido por um estrangeiro.¹⁷

Considerações finais

O objetivo deste texto foi apresentar um breve historial da Real Fábrica da Cordoaria. Explicaram-se as razões que levaram à criação de uma cordoaria na praia da Junqueira e apresentaram-se os principais intervenientes neste processo. Num segundo momento, foi destacada a figura de Marino Miguel Franzini e as medidas por ele tomadas durante o longo período em que dirigiu a Cordoaria. Obviamente, não seria

¹⁷ Idem, *Subsídios para a História da FNC— Diminuição das despesas da fábrica pela sua mecanização em 1853*, nº 17, maio de 1972.

possível apresentar aqui aquilo que foi a atividade da fábrica nos seus mais de duzentos anos de existência, razão pela qual se optou por destacar os dois pontos acima mencionados. Nesta parte final será apresentado um breve resumo daquilo que foram as principais atividades da Cordoaria até ao seu encerramento como estabelecimento fabril.

Como o seu nome indica, a principal função da fábrica era a produção de cordame diverso, destinado aos navios. Desde o início da sua atividade que produzia igualmente velas. O desenvolvimento da propulsão mecânica implicou uma redução das necessidades de velame e de cordame nos navios, pelo que a Cordoaria passou a diversificar a sua produção, passando a produzir também bandeiras e distintivos, assim como uniformes. Com o desenvolvimento das fibras sintéticas e a produção intensiva de cordame usando esses materiais, a produção tradicional de cabos na Cordoaria tornou-se cada vez menos competitiva. O fabrico de botes de borracha e a certificação das jangadas salva-vidas usadas a bordo dos navios foram outras das atividades que a Cordoaria passou a realizar.

Com a redução da componente fabril procurou diversificar-se as áreas de intervenção da Cordoaria. Foi criada uma secção comercial que incluía um supermercado e uma padaria. Os lucros desta secção permitiram a construção de uma clínica na Base Naval de Lisboa, destinada à assistência aos militares da Marinha. No entanto, o desenvolvimento das grandes superfícies comerciais teve como consequência tornar pouco competitiva a atividade comercial da Cordoaria. Na década de 1980 começou a encerrar serviços e no início dos anos Noventa foi extinta a unidade de Marinha que então tinha a designação de Fábrica Nacional de Cordoaria.



Ilustração 6 - Bordando a nova Bandeira Nacional da República

Uma característica que se manteve constante ao longo da vida da Fábrica Nacional de Cordoaria foi a ocupação de espaços da mesma por diversas entidades ligadas à Marinha ou externas. Assim, a Cordoaria acolheu casas de recolhimento e colégios, desempenhou o papel de prisão, albergou o Tribunal de Marinha, cujas instalações

foram destruídas no incêndio que, em 1916, deflagrou no Arsenal de Marinha. O Instituto Superior Naval de Guerra ocupou, durante décadas, um dos seus edifícios, mantendo-se em funcionamento após o encerramento da Fábrica Nacional de Cordoaria. Aquele Instituto acabou por ser extinto após o ano 2000. Entre 1860 e 1865 funcionou nas instalações da Real Fábrica da Cordoaria uma oficina de instrumentos náuticos, uma iniciativa do construtor de instrumentos Jacob Bernard Haas.

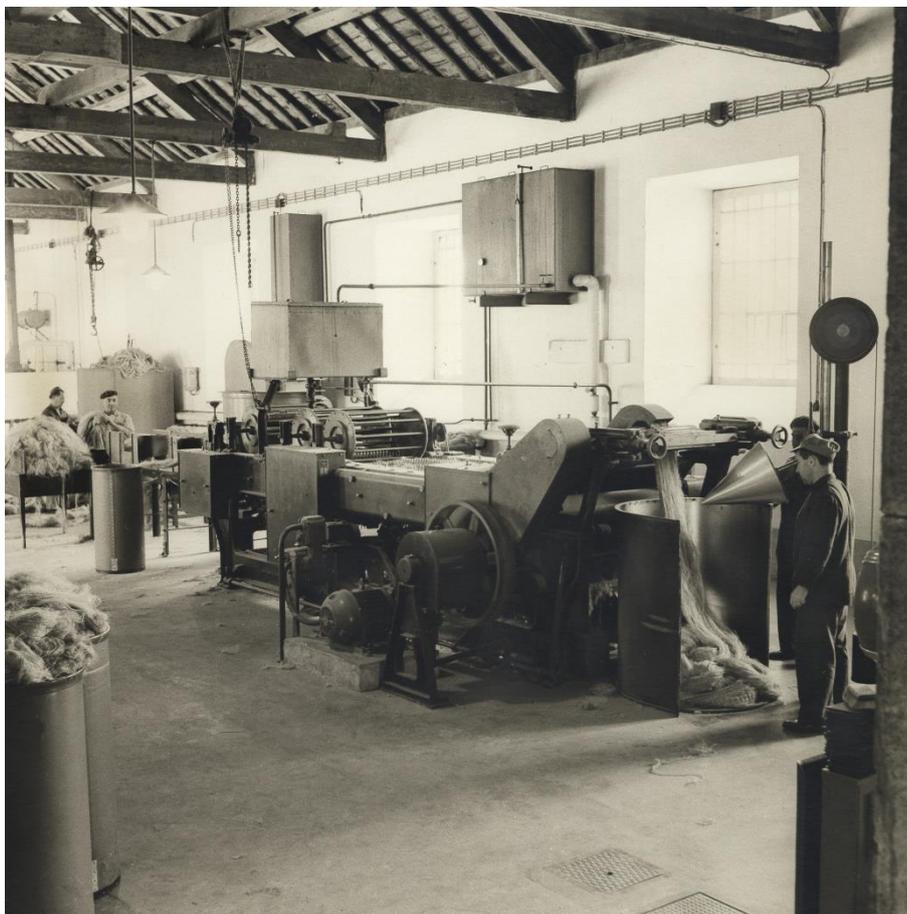


Ilustração 7 - Uma oficina da Cordoaria

A leitura do relatório de um incêndio que ocorreu nas instalações da Fábrica Nacional de Cordoaria, em 1949, permite entender melhor a profusão de entidades que ali estiveram instaladas. Na altura em que se deu o incêndio, naquele espaço funcionavam: o Asilo da Junqueira, pertença da Sociedade das Casas de Asilo da Infância Desvalida; o Depósito Militar Colonial e o Instituto de Medicina Tropical, os dois na dependência do Ministério das Colónias; assim como uma creche e uma lavandaria, ambas da Junta Central da Casa dos Pescadores.

Após a extinção da Fábrica Nacional da Cordoaria a Marinha manteve a ocupação do espaço, sendo uma parte significativa do mesmo ocupada com arquivos e uma outra parte importante utilizada para a realização de eventos sociais e culturais.



Ilustração 8 - Nave da Cocha

*(Comunicação apresentada no Instituto de Estudos Académicos para Seniores
no ciclo Reais Fábricas em Portugal,
dia 16 de Março de 2015)*

Bibliografia

PEREIRA, Manuel Jacinto, *Subsídios para a História da FNC— A Fundação da Cordoaria Nacional*, nº 22, outubro de 1972.

PEREIRA, Manuel Jacinto, *Subsídios para a História da FNC— Diminuição das despesas da fábrica pela sua mecanização em 1853*, nº 17, maio de 1972.

PEREIRA, Manuel Jacinto, *Subsídios para a História da FNC— Estabelecimento do Recolhimento de Santa Margarida de Cortona*, nº 1, julho de 1970.

PEREIRA, Manuel Jacinto, *Subsídios para a História da FNC— Os antecedentes da Real Cordoaria da Junqueira*, nº 21, setembro de 1972.

PEREIRA, Manuel Jacinto, *Subsídios para a História da FNC— Os colégios de Santo António e São Pedro que funcionaram na Real Fábrica da Cordoaria*, nº 24, dezembro de 1972.

PEREIRA, Manuel Jacinto, *Subsídios para a História da FNC— Os trabalhos dos presos da Trafaria na Real Fábrica da Cordoaria*, nº 4, outubro de 1970.

PEREIRA, Manuel Jacinto, *Subsídios para a História da FNC— Proposta para a construção da Fábrica Nacional de Cordoaria*, nº 13, janeiro de 1972.